



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - DPPG

GLAUCIA MACHADO DE AGUIAR PAÇO

**O ENCANTO DA LITERATURA INFANTIL NO CEMEI
CARMEM MONTES PAIXÃO**

Orientador: Anelise Monteiro do Nascimento

MESQUITA
2009



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ
DECANATO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – DPPG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO “DESAFIOS DO TRABALHO
COTIDIANO: A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 0 A 10 ANOS”

**O ENCANTO DA LITERATURA INFANTIL NO CEMEI
CARMEM MONTES PAIXÃO**

GLAUCIA MACHADO DE AGUIAR PAÇO

Trabalho Final de Curso proposto pela aluna Glaucia Machado de Aguiar Paço, sob a orientação da professora Anelise Monteiro do Nascimento, como requisito parcial para obtenção de aprovação no Curso de Pós-graduação Lato Sensu, Desafios do Trabalho Cotidiano: A educação de crianças de 0 a 10 anos de idade.

MESQUITA
2009

GLAUCIA MACHADO DE AGUIAR PAÇO

**O ENCANTO DA LITERATURA INFANTIL NO CEMEI
CARMEM MONTES PAIXÃO**

Banca Avaliadora

.....
Prof.^a Anelise Monteiro do Nascimento

.....
Prof.^a Flávia Motta

.....
Prof.^a Márcia Denise Pletsch

AGRADECIMENTOS

Cristina Pelinca do Amaral de Melo e Carla Ribeiro, pela cooperação e dedicação diante das informações sobre As Tendas que Contam Histórias.

Às minhas amigas de luta e compromisso na Creche: Geysa, Juliana, Ana Paula, Gina, Elaine, Jussara, Isabela, Fátima, Grace, Mônica Rocha e Mônica Nunes e Cândida; que cumpre sua gestão com uma dedicação admirável ao povo de Mesquita.

Dedicatória

Ao meu Deus, que me escolheu como sua filha amada.

As minhas filhas, Isabela e Laura, que me apoiaram nos momentos de dificuldades com a informática.

Ao meu marido Álvaro, o maior realizador e incentivador dos meus sonhos.

A minha mãe, meu Porto Seguro.

A minha professora Anelise, pela grande ajuda e participação efetiva neste trabalho.

RESUMO

Este trabalho resgata no capítulo inicial, um pouco da história da literatura infantil, e um pouco da vida de duas escritoras que sentem um enorme prazer em escrever para crianças. E que também tem suas histórias contadas nas Tendas Que Contam Histórias: A Pedagogia do Encantamento do Município de Mesquita.

O trabalho visa analisar junto aos educadores, os desafios de despertar alunos leitores/escritores, e retrata os benefícios pessoais que a leitura pode proporcionar, como melhoria nos conhecimentos e nos valores.

Também evidenciamos neste trabalho a importância de se iniciar este hábito desde o berço e da educação infantil, e como pais e professores podem estimular o hábito da leitura em casa, na sala de aula, e na biblioteca da escola.

ABSTRACT

In this work we can see in the first chapter, a little bit of the childish literature's stories, and a little bit about the life of two writers who feel a great pleasure in writing for children. These writers have their stories told on: "Stalls that tell stories: the enchantment pedagogy", on Mesquita City.

This work intends to analyse together to the educators, the challenges to make students being readers/writers, and intends to show the personal benefits that reading can bring to us with the purpose of improving our Knowledge and values.

We can also see in this work, the importance about starting this habit since children are born and in the childish education, and how parents and teachers can stimulate reading at home, in the classrooms and at the school's library.

EPÍGRAFE

“Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar”

Monteiro Lobato

SUMÁRIO

Páginas

1- INTRODUÇÃO	10
2- O QUE É LITERATURA INFANTIL	12
3- NÃO LER: UM PROBLEMA SOCIAL OU CULTURAL?	17
4- A FORMAÇÃO DO LEITOR	21
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
6- CONCLUSÃO	39
7- BIBLIOGRAFIA	41
8- ANEXOS	43

1- INTRODUÇÃO

A leitura se faz muito importante em nossas vidas, através dela podemos aprender, ensinar e conhecer outras culturas. A sua grandiosidade deve ser compreendida como uma leitura que permita a viagem no mundo da imaginação, tão presente na infância.

A inspiração para a realização deste trabalho, surgiu a partir da observação do comportamento das crianças de 2 e 3 anos de idade do CEMEI Carmem Montes Paixão, diante das histórias contadas nas *Tendas Que Contam Histórias; A Pedagogia do Encantamento*, projeto elaborado pela Secretaria de Educação do Município de Mesquita. Também serviu de inspiração, o trabalho que as professoras da unidade realizam com a literatura infantil em sala de aula, procurando despertar nos alunos; imaginação, participação e envolvimento nos contextos das histórias.

O desenvolvimento da imaginação infantil quando compartilhado, divulgado e aplaudido faz do sujeito alguém envolvido com as idéias, compreensivo, crítico e modificador das situações prazerosas ou não, torna-se alguém com ideais. Ao experimentar a leitura o leitor executa um ato de compreensão e interpretação do mundo, e através dessa compreensão pode modificar ou resignificar o contexto no qual está inserido.

O trabalho com literatura infantil tem como possibilidade de resultado a formação de leitores/escritores competente. Tem como objetivo formar alguém que compreenda aquilo que lê; que consiga transmitir aos outros os elementos de uma história através das ilustrações; que possa transformar um texto numa narrativa prazerosa a quem ouve; que possa aprender a ler o que não está escrito; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que possa imaginar e criar.

A literatura é um possível caminho para a criança desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. Para contar a história é preciso saber como se faz, e através das histórias as crianças aprendem nomes, sons, músicas e se inserem na cultura. Quem conta histórias precisa criar um clima de envolvimento; e o objetivo desse trabalho é mostrar a importância da literatura infantil e também a importância das pessoas que contam as histórias na educação infantil; e acima de tudo incentivam as descobertas através dos livros.

A presente monografia propõe discutir o papel que a literatura infantil exerce na formação das crianças do CEMEI Carmem Montes Paixão no Município de Mesquita no Rio de Janeiro; partindo da trajetória histórica da literatura infantil ao longo dos tempos, para enfatizar a necessidade de sua utilização na escola, em casa, na vida. Visa demonstrar a importância do diálogo no cotidiano da creche, do uso das linguagens e do exercício de interpretação através da literatura infantil, seus textos e ilustrações.

Ao reconhecer a linguagem como o veículo de comunicação entre o aluno, o professor e os colegas em sala de aula; e também as práticas que compõem a educação infantil, como as rodas de conversas, os momentos da contação de histórias, e as *músicas de escola*, como as crianças costumam nomear. O trabalho também procura esclarecer, que ao longo dos anos se convencionou que existe uma literatura para cada criança, de acordo com sua faixa etária, mas para além dessa classificação, também de acordo com seu gosto, seu mundo, sua cultura, seu meio social; e que não ler não é um problema social, já que pessoas que possuem um poder aquisitivo razoável muitas vezes preferem investir em outros meios de diversão para seus filhos. Não ler é um problema cultural, as crianças brasileiras leem pouco, porque não são incentivadas; cabe aos professores, a escola e aos pais desenvolverem esse hábito saudável nas crianças, desde a infância.

2- O QUE É LITERATURA INFANTIL

A Literatura infantil é, antes de tudo, literatura, ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização. (Cagneti,1996 p.7)

A literatura infantil leva a criança à descoberta do mundo, onde sonhos e realidade se incorporam, onde a realidade e a fantasia estão intimamente ligadas, fazendo a criança viajar, descobrir e atuar num mundo mágico; podendo modificar a realidade seja ela boa ou ruim.

“A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta”(.Cunha,1999,p22)

Antes disso, a criança, acompanhando a vida social do adulto, participava também de sua literatura. Existiam no século XVIII, duas realidades. A criança da nobreza, orientada por preceptores, lia geralmente os grandes clássicos, enquanto a criança das classes desprivilegiadas lia ou ouvia as histórias de cavalaria, de aventuras. As lendas e contos folclóricos formavam uma literatura de cordel de grande interesse das classes populares.

Devido à concepção de infância que estava se constituindo, fez-se necessário novos mecanismos para “equipar” e “preparar” a criança para enfrentar mais tarde o meio social. A escola tornou-se, então, uma instituição legalmente aberta, não só para a burguesia, mas para todos os segmentos da sociedade e a literatura infantil vem, então validar esse processo de escolarização; isto porque, como a escola “*trabalha sobre a língua escrita, ela depende da capacidade de leitura das crianças, ou seja, supõe terem esta passado pelo crivo da escola*” (Lajolo e Zilberman, 1991, p. 18)

No caminho percorrido, à procura de uma literatura adequada para a infância e juventude, pode-se observar duas tendências próximas daquelas que já influenciavam a leitura das crianças: dos clássicos, fizeram-se adaptações e do folclore, nasceu os contos de fada, até então quase nunca voltados especificamente para a criança.

A literatura infantil desde a origem sempre foi ligada à diversão ou ao aprendizado das crianças, acreditava-se que seu conteúdo deveria ser adequado ao nível da compreensão e interesse desse peculiar destinatário. Como a criança era vista como um adulto em miniatura, os primeiros textos infantis resultaram de adaptações ou da minimização de textos escritos para os adultos. Expurgadas as dificuldades de linguagem, as digressões ou reflexões que estariam acima do que eles consideravam possível para a compreensão infantil; retiradas as situações de conflitos não exemplares e realçando principalmente as ações ou peripécias de caráter aventuroso ou exemplar, as obras literárias eram reduzidas em seu valor intrínseco, mas atingiam o novo objetivo; atrair o pequeno leitor/ouvinte e levá-lo a participar das diferentes experiências que a vida pode proporcionar ao nível do real ou do maravilhoso.

2.1- O começo de tudo

Os irmãos Grimm, colecionadores de histórias folclóricas, estão assim ligados à gênese da literatura infantil. Tiveram seus contos republicados e adaptados uma infinidade de vezes, a tal ponto que hoje tais relatos se apresentam demasiadamente modificados.

Em cada país, além dessa literatura tornada universal, vão aos poucos surgindo propostas diferentes de obras literárias infantis.

“No Brasil, a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo adaptações de obras de produções portuguesas, demonstrando a dependência típica das colônias”(Cunha, 1999,p.23) No final do século XIX estava sendo mudado o regime político no Brasil; a República adotada a partir de 1889 substituiu a Monarquia, após o longo reinado de D. Pedro II, Imperador desde 1840.

Nas últimas décadas do século XIX, os países europeus no qual o Brasil se espelhava começavam a transitar para o regime republicano que, à primeira vista, parecia mais democrático. Por meio de eleições periódicas e livres, os dirigentes podiam ser trocados de modo que a Sociedade dispunha de ocasiões mais numerosas para manifestar insatisfação quando essa acontecia. Além disso, o regime republicano quando acompanhado de consultas aos votantes, oportunizava a um maior número de pessoas declarar sua opinião mostrando-se pois mais liberal e dinâmico. Nesse novo

Brasil de transformações ao final do século XIX, se dá o aparecimento dos primeiros livros para crianças escritos e publicados por brasileiros; mas é com Monteiro Lobato que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira.

2.2- Presenças marcantes na literatura infantil e nas *Tendas Que Contam Histórias*

Ana Maria Machado

Embora Ana Maria Machado costume afirmar que nunca houve um interesse direto em escrever para crianças, o sucesso que faz sobre esse público marca sua trajetória como escritora de literatura infantil.

Desde cedo essa notável escritora que chegou a Academia Brasileira de Letras no ano de 2003 demonstrava seu dom para literatura; quando fazia diários, escrevia cartas, participava do jornalzinho do colégio. Ana Maria estudou letras e deu aula de literatura em faculdades, trabalhou em jornal e fez traduções; o seu lado diletante como escritora começou quando encomendaram uma história para uma revista. Os leitores gostaram e foram surgindo outras. E muitas outras.

Ana sofreu influência e bom exemplo, de seu pai, o jornalista e político Mario Martins, que lhe ofereceu um ambiente cheio de livros e lhe contou histórias. Sua carreira como escritora de literatura infantil, foi despertada a partir do momento em que a autora escreveu histórias infantis para uma revista, assim ela percebeu que se identificava com o público infantil e com esse tipo de linguagem, onde o literário faz uma interseção com o coloquial/oral/familiar.

Ana Maria Machado também vê em Monteiro Lobato o começo de tudo de maravilhoso e marcante para a literatura infantil, mas também vê no Brasil atualmente várias manifestações de talento.

Ana Maria Machado é uma das escritoras que tem suas publicações muito utilizadas nas *Tendas Que Contam Histórias*.

2.3- Ruth Rocha

A escritora paulista Ruth Rocha teve uma infância considerada por ela feliz. Cresceu em São Paulo, na década de 30, cercada de afeto e bons contadores de histórias. O melhor deles era o avô materno, nascido no Pará e dono de um repertório e de uma imaginação sem fronteiras. Seu avô contava de histórias de Branca de Neve como se tivesse acontecido em Quixeramobim no Ceará.

O pai de Ruth, Álvaro sabia apenas duas histórias que contava, e recontava aos filhos. Álvaro tinha talento e quando se dispunha a contar uma história era sempre uma festa. Livros não faltavam na casa de Ruth, nem os gibis, a escritora era a única do grupo de amigos da escola que tinha conta na banca de jornal. Podia comprar quadrinhos à vontade.

Apesar de tanto estímulo, Ruth só escreveu sua primeira história aos 38 anos. Publicada na Revista Recreio da editora Abril, a história falava de duas borboletas que não podiam ficar juntas porque eram de cores diferentes, numa parábola ao racismo. Chamava-se **Romeu e Julieta** e foi um sucesso. Depois de algum tempo veio o primeiro livro. **Palavras, muitas palavras**. A autora já vendeu cerca de 12 milhões de exemplares no mundo inteiro em 25 idiomas. Em abril de 2000, Ruth lançou **Odisséia** na qual reconta as peripécias do herói Ulisses, o livro tornou-se um dos maiores sucessos da autora.

Ao contrário de Ana Maria Machado que começou a escrever para o público infantil quase por acaso, Ruth Rocha sempre esteve com o olhar voltado para esse gênero literário, fez da criança e seus desejos a razão da sua escrita. As duas autoras viveram num ambiente repleto de livros, histórias e fantasias, contadas por pessoas marcantes em suas vidas.

Ana começou de “mansinho”. Ruth com objetivos firmados, mas afinal; a literatura infantil está mesmo presente em nossas vidas desde a infância? Existe fórmula certa para agradar o público infantil? Ou ao invés de conquistá-los, somos conquistados por eles?

2.4- O grande mestre de Ana Maria Machado e Ruth Rocha

José Bento Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, interior de São Paulo em 1882, formou-se em Direito e atuou como promotor público e depois se tornou fazendeiro devido à herança deixada por seu avô.

Em 1917 o grande escritor Monteiro Lobato comprou a revista do Brasil, e com isso deu origem as suas atividades editoriais, publicando o Urupês e muitas outras obras, dando sempre prioridades a autores novos.

Monteiro Lobato em sua peculiaridade de editor fazia seus exemplares serem vendidos em todo o país, em qualquer tipo de comércio, e não apenas em livrarias, chegando a mudar de 400 ou 500 exemplares por edição para 3000 em média. Nessa mesma época fez editar, talvez por inexperiência 50.500 exemplares de Narizinho Arrebitado, um livrinho de leitura extra.

Esse programa do autor foi notado pelo Presidente Washington Luis, que, tendo observado a avidez com que as crianças liam, recomendou-o ao Secretário de Educação Alarico Silveira, e 30.000 exemplares foram comprados.

Além do lado empreendedor, e sempre em busca de novidades, pois só publicava jovens e desconhecidos autores como Paulo Setúbal, Menotti Del Picchia, Humberto de Campos, Oswald de Andrade, Oliveira Viana e outros; Lobato primou também pela apresentação gráfica de seus livros. Os livros brasileiros eram editados na Europa, Monteiro Lobato passou a editar livros didáticos e infantis no Brasil, mudando-lhes o formato clássico, revestindo-os com capas desenhadas e coloridas. Monteiro Lobato morreu em 1948 tornando-se historicamente o precursor da literatura infantil no Brasil.

3- NÃO LER: UM PROBLEMA SOCIAL OU CULTURAL?

Todos nós temos uma história, e as histórias de nossas vidas dariam um livro se tentássemos escrevê-las; o difícil é compreender tudo isso, e temos a tendência de achar que nada em nossas vidas é significativo o bastante para tentar.

Com a criança não é diferente, alguma delas ouvem histórias desde o ventre materno, quando suas mães falam para elas ou com elas, fazer histórias, ouvir histórias ou escrevê-las humaniza a criança e nos humaniza também. Vai nos tornando cidadãos modificadores ou autores da cultura e mergulhados nesta cultura, surgem transformações cada dia mais rápido numa velocidade imensurável. Mas quando foi na verdade que toda esta mudança começou?

Como já foi apontado no item 2; no século XVIII crianças e adultos se misturavam nas sociedades tradicionais, as crianças compartilhavam intensas trocas afetivas dentro e fora das famílias, onde colhiam suas aprendizagens. Se antes as crianças estavam misturadas com os adultos, em toda reunião para o trabalho, o passeio ou o jogo juntava se crianças e adultos; hoje percebemos a tendência crescente de separar o mundo das crianças do mundo dos adultos.

A educação das crianças que acontecia diretamente ligada à vida nas reuniões de trabalho e lazer foi substituída pela aprendizagem escolar. A formação instrumentalizada para o mundo do trabalho exigia uma maior especialização de conhecimentos a serem adquiridos. Começa, então, um longo processo de enclausuramento de crianças, mas também dos adultos que se estende até os dias de hoje.

Com a intensa competitividade no mercado de trabalho e a busca incessante por bens de consumo, os pais já não compartilham com os filhos momentos longos e prazerosos; esses momentos foram substituídos por agendas lotadas das crianças e compromissos que nem mesmo um adulto consegue fôlego para cumpri-los.

Com os avanços tecnológicos entende-se que a criança já não precisa mais da companhia dos adultos, os brinquedos eletrônicos substituem a presença dos pais, os espaços também são reduzidos, crianças são presas em casas ou apartamentos; quase não existem mais brincadeiras nas praças, nas ruas nos parques ou nos campinhos de

futebol. Carinho e afetividade são transformados em objetos, surge um verdadeiro *boom* de brinquedos eletrônicos e inicia-se a desenfreada cultura de consumo.

3.1- Por que ler?

Podemos ter várias atitudes perante a leitura. Ela é uma atividade profundamente individual e duas pessoas dificilmente fazem uma mesma leitura de um texto. Pode se dizer que a maneira como a leitura será interpretada dependerá do ponto de vista, do momento e do conhecimento de cada pessoa. Ao contrário da escrita que é uma atividade de exteriorizar o pensamento, a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão. No momento que uma pessoa se entrega à leitura ela tem oportunidade de “viajar” em seus pensamentos.

Há um dito popular que diz que a leitura é o alimento da alma. Nada mais verdadeiro. As pessoas que não leem são pessoas vazias ou subnutridas de conhecimento. É claro que a experiência de vida não se reduz à leitura. A vida como tal é a grande mestra. Algumas pessoas analfabetas conseguem, às vezes, se sair bem economicamente, mas nem por isso deixam de ser pessoas vazias. Tem a riqueza externa, sabem se virar na sociedade, mas não possuem o conhecimento que os livros oferecem aos seus leitores; só a experiência da vida, por mais rica que possa ser, não é suficiente para fornecer uma cultura sólida e geral.

De qualquer modo podemos afirmar que a leitura traz benefícios para o ser humano, no sentido individual, aos poucos a pessoa vai se modificando à medida que se enriquece culturalmente através da leitura, mas essa mudança nem sempre é possível de uma maneira geral, ou seja, com as pessoas que estão ao redor do leitor; é necessário que o desejo de mudança também esteja presente nessas pessoas. Sem dúvida, o prazer da leitura é pessoal, não social. Não se consegue melhorar-diretamente- as condições de vida de alguém apenas tornando-os um leitor competente.

Hoje o ser humano se depara com uma gama de informações que chega todo momento; esse avanço, ao mesmo tempo em que traz benefícios para a sociedade atual, também tira do ser humano o prazer da leitura, que nada mais é do que uma maravilhosa aventura.

A criança que é tão mergulhada nessa gama de informações e transformações, também sofre e recebe essas modificações através dos meios de comunicação. Se as

prateleiras das livrarias estão lotadas de livros e as bancas de jornal repletas de jornais, livros, revistas e gibis; o computador e as emissoras de TV também estão impregnadas de informações, com uma velocidade assustadora e ao mesmo tempo admirável pelos adultos e principalmente pelas crianças.

Porque os livros infantis continuam nas prateleiras e já não são comprados por adultos para presentear as crianças? As publicações já não tem o valor ético e muito menos estético, mas também não é a principal preocupação de quem as escreve e as publicam. Na verdade a maior intenção está voltada para o consumismo; e a criança tem se mostrado um dos maiores consumidores dessas parafernálias eletrônicas.

“A sociedade ocidental moderna dá ao brinquedo um lugar e uma difusão sem precedentes, por meio de um desenvolvimento industrial que instituiu a produção, a venda e o consumo sistemático desses objetos” (Kramer, 2006, p. 173)

Muitos educadores reclamam, muito atualmente, contra o crescente desinteresse dos estudantes de todos os níveis pela leitura. Muitas e diferentes razões são apontadas, para o fato: descuido familiar, decadência do ensino, excesso de facilidades na vida escolar, apelos sociais com muitas formas de diversão etc...

Contribuir para a formação de um bom leitor, despertar a reflexão e fazer com que a leitura passe a ser um hábito cotidiano é um desafio e uma prova para o professor, principalmente quando a busca não tem o apoio dos pais, ou porque não sabem, ou porque não se interessam.

Em casa algumas crianças, mesmo as mais carentes tem algum contato com a leitura. Alguns pais leem jornais, o que permite a criança o contato com o mundo letrado, o difícil é fazer com que esses mesmos pais leiam alguma coisa para as crianças. O contato com vários gêneros textuais, leva ao desenvolvimento da oralidade, da leitura e conseqüentemente da escrita, além das habilidades artísticas, intelectuais e corporais. Despertar o interesse dos alunos pela leitura não é tarefa fácil e diante dessa realidade cabe aos professores estimular o interesse através de recursos inovadores e interessantes.

O incentivo à literatura na infância deve ser uma tarefa da escola e da família, mas podemos nos perguntar como é o seu desenvolvimento? Contribuem para a formação do leitor? A escola anda cumprindo o seu papel? Muitos projetos de leitura estão sendo desenvolvidos em várias escolas, o que nos dá a sensação de que nem tudo

está perdido. Acredito que a criança que gosta de ler está na casa, onde se preza a cultura; a escola onde se valoriza o professor, onde o aprendizado da leitura é maravilhoso e onde, conseqüentemente se tem livros. Na casa onde os pais leem, onde as crianças tem acesso ao livro, é mais fácil que gostem de ler.

Baseada nas minhas observações e experiência de vida; posso afirmar que a iniciação á literatura infantil não precisa ser necessariamente no ambiente escolar; os pais devem iniciar esse processo mesmo com as crianças que ainda não estão freqüentando a escola. É preciso que os pais comecem cedo a falar com seus filhos, conversar, ouvir respostas, porque é assim que se aprende a raciocinar. Se lerem para as crianças desde cedo, elas aprendem a língua rapidamente. A criança aprende ouvindo histórias.

Entre o computador, a televisão, os jogos eletrônicos, a música, a brincadeira na rua ou nas praças, a leitura ocupa sempre o último lugar na lista de diversão das crianças. Quando indagados sobre a leitura, e as historinhas infantis, as crianças afirmam que gostam muito, participam e se emocionam; esse resultado deixa claro que a dificuldade que alguns educadores ainda encontram em de formar crianças leitoras, não é um problema social, já que alguns pais tem poder aquisitivo para comprar livros e ler histórias para seus filhos, mas mesmo assim preferem investir em outro meio de diversão. Não ler é um problema cultural, a criança lê pouco porque não é incentivada desde a infância.

4- A FORMAÇÃO DO LEITOR

Tem sido cada vez maior o investimento na educação e em especial na educação infantil. Assim, dentro das três áreas vitais do homem (atividade, inteligência e afetividade) em que a educação deve promover mudanças de comportamento, a literatura infantil tem sua função.

Um dos objetivos do Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil é que, através do trabalho com a leitura, a criança possa: participar das variadas situações de comunicação oral; interessar-se pela leitura de histórias; familiarizar-se com a escrita por meios de livros, revistas, histórias em quadrinhos etc...(RCN, 1998,p.119)

A leitura rápida e compreensiva de um texto é uma prática a ser desenvolvida também pela literatura. A leitura reflexiva, a aprendizagem de termos e de conceitos- aspectos da aprendizagem intelectual- conseguem-se também pela leitura. As preferências, os ideais e as atitudes, como o gosto pela leitura, o amor às nossas coisas, podem ser atingidos entre outras formas através da literatura.

Sendo assim, é preciso oferecer às crianças, oportunidades de leitura de forma convidativa e prazerosa. É nesse sentido que a literatura infantil desempenha um importante papel, o de favorecer aprendizagens, compreensão de valores, confronto com diferentes idéias, culturas, crenças, opiniões e informações diversas. A escola pode desenvolver uma prática que traga esses aspectos da literatura; mas essa prática requer atenção, para que a criança não se sinta “cobrada” através da literatura. É fundamental que a criança sinta o gosto pela leitura. A literatura possibilita que as crianças consigam redigir melhor desenvolvendo sua criatividade, pois o ato de ler e o ato de escrever estão intimamente ligados.

Um exame das variações dos hábitos de leitura de uma nação para outra, demonstra que o lugar ocupado pelos livros na escala de valores dos responsáveis pela sua promoção é de primeira importância: todas as autoridades do Estado, da comunidade e da escola, todos os professores, pais e pedagogos precisam estar seriamente convencidos da importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural; se quiserem contribuir para melhorar a situação de aprendizagem na escola.

4.1- A prática da literatura em sala de aula

Constatamos que agora a produção editorial destinada às crianças e aos jovens é numerosa em títulos no Brasil. Há um considerável número de edições abrangendo gêneros, estilos e temáticas diversas, belas ilustrações e produção gráfica cuidada, resultado de um mercado cativo criado pela reforma de ensino, já que de um tempo para cá muitos incentivos à leitura estão sendo divulgados tantos pelos órgãos responsáveis pela educação, quanto pela mídia.

Essa reforma também é uma preocupação da Secretaria de Educação do Município de Mesquita; no ofício 048/2009 que traz a seguinte pergunta: **“como podemos propiciar aos nossos alunos, em nossas atividades cotidianas na escola, mais e melhores situações de aprendizagem que permitam ampliar as suas possibilidades como leitores e escritores?”**

A secretaria evidencia um apelo para que os educadores tenham um olhar, uma preocupação e um envolvimento maior na formação de alunos leitores/escritores e que os profissionais de ensino de um modo geral, estejam envolvidos com a realidade e o compromisso de manter todas as crianças do Município permanentemente dentro da escola; que os alunos sintam prazer em estudar e principalmente aprender e apreender. Mas como despertar esse interesse na criança carente num município também carente da Baixada Fluminense? Quem sabe a resposta não esteja nas palavras de Leonardo Boff retiradas do prefácio do livro *Pedagogia da Esperança?* (Freire, 1992, p. 8):

“Paulo Freire mostra a história e a existência humana com feixe de possibilidades e virtualidades que podem, pela prática histórica, ser levada à concretização. Daqui nasce a esperança histórica, aquilo que ele chama de “inédito-viável”, vale dizer, aquilo que ainda não foi ensaiado e é inédito mas que pode, pela ação articulada dos sujeitos históricos, vir a ser ridente realidade”.

A tarefa de formar alunos leitores necessita de professores envolvidos com a literatura desde o início, na Educação Infantil. A literatura infantil é muito importante na formação do pequeno leitor, porque através dela a criança utiliza a imaginação provocada pela curiosidade, com isso amplia o conhecimento do mundo, viaja num mundo de imaginação e fantasia.

É na escola que podemos identificar o crescimento do público leitor; mas é também ela que nos mostra, diante do número alarmante daqueles que a ela não tem

acesso, dos altos índices de professores leigos que atuam em seus quadros, da deficiência de formação específica para as questões relativas à leitura no curso normal e na universidade, diante, enfim, da carência de bibliotecas escolares, o quanto ainda estamos distante de uma situação satisfatória.

O Município de Mesquita vem se esforçando para que essa realidade possa ser modificada; e que o despertar de um aluno leitor/escritor/criativo, possa surgir a partir da participação ativa do aluno nas histórias e mergulhados num mundo de imaginação e fantasia. O pontapé inicial partiu da *Pedagogia do Encantamento em Mesquita*, que conta com o trabalho inovador das *Tendas Que Contam Histórias*; um projeto da Secretaria de Educação.

Essa prática partiu de uma ação utilizada na da Sala de Leitura da Escola Municipal Governador Roberto Silveira no ano de 2005; contação de histórias dentro de uma tenda. A Secretara Municipal de Educação, através da Secretária Professora Maria Fátima Souza, apostou na idéia e a transformou em um projeto de incentivo à leitura; a questão da itinerância, ou seja: a Pedagogia do Encantamento passaria em todas as unidades escolares da rede. Uma tenda ornamentada de acordo com o tema, servindo de suporte pedagógico para os professores e alunos, pois a mesma tem o caráter de transportar o aluno para um ambiente diferenciado onde a interação e ludicidade estão presentes na arte de contar histórias. Portanto, o projeto das Tendas Que Contam Histórias tornou-se mais uma ferramenta de incentivo à leitura na Rede.

Atualmente o Município trabalha com 3 Tendas: da Ed. Infantil, do Ensino Fundamental, (1ª etapa ao 5º ano) e da EJA. A frequência depende da itinerância. Cada tema construído circula por todas as escolas segundo sua etapa/modalidade atendendo a todas as turmas. Quando esta itinerância termina, é pensada, discutida e construída uma nova temática que seja dialógica com o planejamento da rede. Sendo assim, cada escola pode receber a visita das Tendas 2 a 3 vezes no ano.

Os candidatos para trabalhar no projeto passam por uma entrevista preliminar com o Setor de Incentivo à leitura e/ou com outro profissionais do setor pedagógico da Secretaria Municipal de Educação, respondem a um roteiro com perguntas concernentes a temas associados ao trabalho com a leitura e, os que passam por esta fase, são chamados para um período de experiência nas Tendas.

Esse projeto nos faz refletir que a Secretaria de Educação tem conhecimento da importância da literatura infantil e das técnicas de incentivo ao hábito de leitura, e a partir disso tenta desenvolver projetos, em pequena ou grande escala dentro das Unidades de Educação Infantil que nos permitam atingir objetivos propostos; aperfeiçoar a formação do professor em busca de incentivos para agradar o seu público leitor e facilitar o acesso ao livro em sala de aula para que, a partir da criança, se forme o leitor crítico, consciente de seus direitos e deveres.

O professor também pode iniciar o despertar do interesse dos alunos pelos livros fazendo visitas à biblioteca, fora do ambiente escolar; a presença do aluno na biblioteca é fundamental para que o aluno possa ler, tocar e pesquisar; mesmo com as crianças pequenas. É na biblioteca que os alunos viajam para além dos conhecimentos trabalhados em sala de aula, e a professora pode observar os interesses e as curiosidades que surgirão a partir da descoberta de outros livros; podendo iniciar com isso um novo projeto de leitura, trabalho e pesquisa, partindo do estímulo e da curiosidade de seus alunos. Na biblioteca eles descobrem o mundo da literatura, aprofundam conceitos, aprendem histórias.

Quando o professor vai trabalhar com uma história, é muito importante que goste dela, que a conheça e a aprecie. Do contrário, o trabalho não será agradável, será cansativo e a criança poderá perceber a falta de entusiasmo do educador e também não se sentir entusiasmada. É importante que a história seja lida antes e, caso não agrade, deve-se trocá-la por outra, que contenha o mesmo objetivo pedagógico procurado, e que agrade. Não faltam ótimas histórias e excelentes autores, mas para isso é preciso, dedicação e prazer do professor em trabalhar a literatura em sala de aula.

Ensinar a amar os livros e a conviver com eles é uma missão que a escola se empenha em executar há mais de um século. As bibliotecas das escolas, quando compostas por obras cuidadosamente escolhidas, podem despertar um maior interesse nos alunos e compartilhar sonhos e fantasias e podem junto aos alunos trabalhar e reconhecer a realidade.

Leitores iniciantes, independentes da idade, poderão ficar desencorajados se a leitura não fizer parte do seu ambiente cultural ou não encontrarem ao seu alcance livros afinados com seus gostos. Contos de fada, as aventuras ou o folclore podem ser acrescentados ou transformados na realidade dos alunos. O professor ou o próprio aluno podem modificar a história e contá-la ao seu modo, porque a partir do seu interesse a

interpretação e a compreensão podem ser facilitadas para os outros amigos do grupo. É a realidade do aluno introduzida na história.”*O mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras*”..(Freire,2008, p 12)

Uma maneira de despertar os interesses da criança é partir da sua realidade e das suas necessidades pessoais. A leitura vista com um valor em si mesma como “um desafio em direção a uma experiência pessoal mais rica” pode ser um instrumento extremamente rico. A criança confronta com sua realidade com a realidade dos livros, ela pode interferir nos fatos descritos e assumir seu papel como sujeito da história, em comunhão com seus semelhantes.

Na observação como pesquisadoras na turma “B” de 3 anos de idade, do Centro Municipal de Educação Infantil Carmem Montes Paixão no Município de Mesquita, vivenciamos a professora Geysa narrando a história de **João e Maria**, literatura conhecida das histórias infantis.

Geysa – Olhem para cá, vamos ouvir a história de hoje, vocês sabem que história é esta?

João Lucas – Do João e Maria (referindo-se a ilustração da capa já conhecida)

A professora conta toda a história e logo em seguida abre espaço para que alguém possa recontá-la, ela cita alguns nomes que não aceitaram fazer a atividade, até que uma criança se oferece para ser o narrador da vez, sentou na cadeira e desempenhou com dedicação o seu papel.

Rodrigo – Era uma vez o João e Maria, ele é irmão dela. O pai dele é pobre; o pai dele casou com a bruxa. Aí eles foram para floresta, aí os passarinhos comeram o pão deles; aí ficou muito escuro ; aí a Maria ficou com muito medo; aí a Maria comeu a casa dela toda.

Kamilly – Ah! você não falou a casa de quem.

Rodrigo – A casa toda doce; aí a Bruxa tava dentro da casa; aí a Bruxa colocou eles na casa do passarinho.

(pausa para ler as ilustrações)

Roger – O Rodrigo não quer lê

Rodrigo – Aí a Maria empurrou ela dentro,que isso?

Geysa – Um forno

Rodrigo – Aí a Maria empurrou ela dentro do forno.Aí a Maria roubou o livro da Bruxa e ficou feliz pra sempre.

Nessa narrativa de Rodrigo, observamos a utilização dos conhecimentos da realidade do menino, principalmente no momento da jaula em que ele narrou como se fosse uma gaiola. Podemos observar que gaiola faz parte do mundo dele e não a jaula apresentada na ilustração da história. Também notamos que houve pouca intervenção da

professora, na verdade só ocorreu quando o narrador pediu um auxílio, por não reconhecer o forno, que se apresenta no livro de maneira diferente do forno de casa, do fogão da mãe. Foi muito importante a observação apenas, porque a criança fica à vontade para dar asas à imaginação.

“Toda leitura é interpretação, e o que o leitor é capaz de compreender e de aprender através da leitura depende fortemente daquilo que o leitor conhece e acredita a priori, ou seja, antes da leitura”.(Ferreiro, 1990 p. 15)

O relato descrito colabora para idéia de que é fundamental que as crianças sejam ouvidas. Cada criança terá a sua impressão pessoal sobre a história, que nem sempre será positiva e isto deve ser respeitado e, nesse caso, deve-se trabalhar no sentido de levar a criança a identificar o que não agradou e permitir que ela crie novas soluções para a situação, observando que de alguma forma a situação está presente em sua vida.

A imagem também é algo de grande importância para a criança em suas primeiras leituras, pois a criança começa a ler inicialmente pela imagem, ao mesmo tempo em que cria suas próprias imagens a partir das histórias que ouve. Neste aspecto o professor tem um papel a desempenhar, pois pode incentivar a criança a analisar o livro não apenas do ponto de vista do conteúdo, mas também quanto à ilustração oferecendo-lhe a oportunidade de interagir com o texto; exatamente o que fez a professora Geysa com o aluno Rodrigo, permitindo que ele através das ilustrações, da sua experiência e do que foi lido criasse sua própria história.

O professor pode sensibilizar o aluno de forma a fazê-lo acreditar que o livro é o caminho para encontrar prazer, descobertas, lições de vida e que pode utilizá-los para desenvolver a capacidade de pensar e crescer. Através da literatura infantil e a interpretação feita pelos alunos; o professor pode propiciar ao aluno percepções, buscar diferentes resoluções de problemas, despertando a criatividade, autonomia, e criticidade, elementos necessários na formação da criança na sociedade atual.

4.2- O contador de histórias

Anda mamãe muito iludida, pensando que aprendo muita coisa na escola. Puro engano. Tudo quanto sei me foi ensinado por vovó, durante as férias que passo aqui. Só vovó sabe ensinar. Não caceteia, não diz coisas que não entendo. Apesar disso, tenho cada ano, de passar oito meses na escola. Aqui só passo quatro...
Monteiro Lobato

Os laços da literatura infantil com a escola são alvos de um incentivo maciço com eles são fortalecidos os ideais da classe média e a literatura é um instrumento de difusão de seus valores, tais como a importância da alfabetização, da leitura e do conhecimento, e a ênfase no individualismo, no comportamento moralmente aceitável e no esforço pessoal. Esses aspectos fazem da literatura um elemento educativo, embora essa finalidade não esgote sua caracterização. Como já se observou, a ficção para a infância engloba um elenco abrangente de temas que respondem as exigências da sociedade, ultrapassando o setor exclusivamente escolar. Fugindo desse ambiente formal, o contador de história tem seu valor.

A literatura contada pelo adulto e recontada pela criança serve de mecanismo para fortalecer laços e permitir que o leitor manifeste seus desejos, seus medos e suas aspirações; exatamente o que ocorreu com Monteiro Lobato na citação acima. O papel de sua avó foi fundamental na sua aprendizagem de mundo e realidade, até mais do que a própria escola.

Um cantinho, um pequeno espaço, uma praça ou um banquinho. Tudo pode servir de palco para uma contação de histórias; o importante é juntar a criança e permitir que elas se embrenhem no mundo mágico da literatura e isso pode ser feito com qualquer faixa etária; mesmo com aquelas que ainda não dominam os códigos da leitura.

“Como é gostoso e importante para a formação da criança ouvir histórias. Ao contá-las instigamos a curiosidade e o desejo de ‘quero mais’, expresso pelas crianças no ‘conta outra vez’. São esses sentimentos que nos movem para conhecer e aprender as coisas que estão no mundo, e, sabendo-as registradas em livros, certamente iremos recorrer a eles, nos tornando, assim, leitores por desejo e motivação.” (Perrone e Lara, 2002, p. 123)

É muito importante para o contador de histórias viajar e levar o seu público infantil junto nessa viagem de. “Era uma vez”. Durante uma contação de histórias, as crianças assumem diferentes papéis e diferentes níveis de participação. Quando a criança escuta histórias desde pequena, ela adquire o gosto por essa atividade e compactua emoção e imaginação e aprende a lidar com medos e fantasias.

No Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, um dos objetivos de 0 a 3 anos explicita a importância da figura adulta no mundo da literatura infantil. É através dessa participação que a criança vive o constante uso da linguagem oral para conversar, relatar suas vivências e expressar desejos, vontade, necessidades. Participação em situações de leitura de diferentes gêneros feita pelos adultos e situações cotidianas nas quais se faz necessário o uso da escrita, observação e manuseio de materiais impressos.

Outra atribuição indispensável ao contador de histórias é a atenção ao comportamento da criança, saber se a história está agradando, instruindo ou comovendo. Saber contar histórias é saber como, a quem e quando contar.

A leitura compartilhada é muito importante no dia-a-dia. As conversas ficam mais ricas, o vocabulário melhora, bem como o nível de educação. Incentivar o gosto pela “cultura do silêncio”, é permitir que as crianças entrem num universo completamente novo em relação ao mundo ruidoso que já conhecem, através da TV, dos games, das mídias móveis. Despertar as crianças para que aprenda a ouvir o silêncio pode melhorar a relação da criança com o mundo e com as pessoas.

4.3 A literatura infantil e a transversalidade

Através da literatura infantil, o professor pode trabalhar diferentes temas e assuntos, que fazem parte da transversalidade, como Ética, Meio ambiente, Pluralidade Cultural, Saúde e Orientação Sexual. O tema que mais se trabalha e que vem sendo assunto de discussões e debate nas escolas é a Ética, que diz respeito às reflexões sobre condutas humanas. A pergunta ética por excelência é: “Como agir perante os outros?”. No livro *Raul da ferrugem azul* de Ana Maria Machado, essa pergunta está subtendida em toda a história, afinal o pequeno Raul, apresentava as manchinhas azuis, por não saber como reagir diante da insatisfação com o comportamento das outras pessoas.

Uma literatura como esta descrita acima, permite ao professor da Educação Infantil, ouvir diferentes opiniões na escola, cada criança tem uma opinião que precisa ser ouvida e argumentada junto com os colegas e professores.

Uma boa oportunidade para se trabalhar o respeito aos pais e ao mesmo tempo ao Meio Ambiente está presente na história. *A escolinha do mar*, de Ruth Rocha, essa história além do respeito aborda as recomendações que todo pai e mãe faz ao filho

quando este vai fazer alguma viagem, e que é uma preocupação normal dos pais. Essa história permite trabalhar a vida dos peixes e o convívio harmonioso entre as diferentes espécies.

Na fábula *O leão e o ratinho*, de Monteiro Lobato; está claramente evidenciada a solidariedade, o amor e o reconhecimento pelo próximo, apesar de contar a história de duas espécies diferentes, o ratinho salva a vida do leão depois de ter sua vida poupada pelo rei da selva.

Numa história contada na sala de aula da turma 3 anos “B”, a professora abordou de maneira sucinta o planejamento da semana, que trabalhava o tema hábitos de higiene. Também utilizando a literatura infantil, ela contou a história do ursinho Pooh que se chamava **A Hora do Mel**.

Geysa – Alguém sabe o nome dessa história?

J. Lucas – É o urso Panda (trazendo o conhecimento prévio de outra história)

Geysa – Essa história é de um urso e também do mel; alguém sabe o que é mel?

Kamilly – É aquilo da abelhinha?

Geysa – Aquilo o quê?

Kamilly – Aquele negócio.

Geysa – O negócio que a Kamilly tá falando é uma delícia, é cremoso e a gente usa para adoçar as coisas de comer, e o urso gosta muito, vamos ouvir a história?

Geysa – Bem, o ursinho gostava muito de mel, a barriguinha dele roncava só de pensar naquele mel gostoso; e quando ele encontrava um pote de mel ele comia tudo, comia bastante.

Geysa – Alguém aqui come tudo?

Millena – Eu como.

Geysa – E o que vocês mais gostam de comer?

Paulo – Feijão

Ronnie – Franguinho.

Geysa – Pois, é o ursinho gosta de mel, mas antes de comer o ursinho não fez uma coisa que a gente está acostumado a fazer, o que é ?

Todos – Inaudível

Geysa – O que a gente faz antes de comer, ninguém se lembra?

Kamilly – A gente fica quietinho.

Geysa – Não é só isso não, o que mais a gente faz

Kamilly – A gente lava a mão

Geysa – Muito bem Kamilly! Continuando, gente o ursinho comeu tudo e depois ficou com muito sono, ta vendo a carinha dele de sono, chegou até bocejar. A gente faz o que depois do almoço?

Todos – A gente dorme

Geysa – Mas antes de dormir, o que a gente faz mesmo?

J. Vitor – A gente escova o dente.

Geysa – Muito bem João, viu gente não pode dormir sem escovar os dentes, porque senão dá bichinho na boca, lembra a história da cárie, que come o dentinho da gente? E alguém lembra da musiquinha que tia Gláucia cantou?

4.4- Descobrindo os jornais, revistas e gibis: gêneros literários no cotidiano escolar

Os jornais por muito tempo foram proibidos na escola, ou porque eram vulgares demais para serem lidos, ou marcados por engajamentos políticos, sociais, religiosos; incompatíveis com a neutralidade do lugar. Desde 1976 a imprensa ganhou o direito de entrar na escola e os docentes se tornaram livres para utilizar todos os apoios periódicos que julgarem capazes de ajudar em suas tarefas educativas.

As famílias geralmente leem mais jornais do que livros e as crianças tem uma familiaridade muito maior com aqueles do que com esses . Elas veem seus pais folhearem as páginas, procurar uma informação, comentar em voz alta os diversos fatos, mesmo nos lugares onde se lê pouco.

As revistas costumam desempenhar bem o seu papel na formação dos leitores, geralmente possuem um papel de melhor qualidade e as fotos coloridas costumam despertar maior interesse. Em algumas famílias e escolas lhes é permitido recortar, rabiscar e até rasgar as páginas. Geralmente na escola, as revistas são utilizadas para pesquisa e colagens no aprendizado de formação do alfabetizando; e nas creches são utilizadas para encontrar figuras relativas ao planejamento utilizado, como figuras de homens, mulheres e crianças no trabalho de identidade e também as cores utilizadas nos projetos; entre outras.

Quando as escolas assinam periódicas, devem explicar e ao mesmo tempo conscientizar os alunos que o uso coletivo exige que tomem cuidado com eles, pois somente uma coleção completa permite compreender as histórias em quadrinhos que tem continuação no número seguinte, ou recorrer a velhos números para encontrar um

documento ou uma investigação. Esse trabalho de conscientização pode ser feito com todos os alunos, mas na creche, a intervenção e os pedidos por cuidados devem ser feitos de uma maneira mais sutil; pois as crianças estão construindo a compreensão do valor desses exemplares.

Outro gênero literário que mexe com a cabeça das crianças é o gibi; esse gênero colorido, ilustrado e cheio de recursos gráficos estimula as turmas de educação infantil.. As publicações são baratas e acessíveis, o que pode favorecer a compra de vários exemplares da mesma edição para distribuir na sala. Com isso as crianças podem acompanhar a leitura em voz alta pelo professor, é mais uma estratégia para a criança tomar gosto pela leitura.

Foi-se o tempo em que os gibis eram proibidos na sala de aula e as crianças tinham de escondê-los sob a carteira. Os quadrinhos são uma excelente opção para incentivar a leitura e despertar a atenção para quem está entrando no mundo das letras e da literatura. A começar pelos personagens, que, por si só, são atraentes para a garotada. Eles despertam interesse por serem bem conhecidos, afinal estão presentes em brinquedos, jogos, roupas, embalagens, peças de teatro e desenhos na televisão. Sem contar que os protagonistas passam por situações parecidas com as de seus leitores; vão à escola e ao parque, tem pesadelos e medo de dentista. Isso promove a identidade e a familiaridades entre eles.

O grande trunfo são os recursos gráficos. As imagens aparecem associadas a textos coloquiais e permitem que as crianças antecipem o enredo e atribua sentido à história, mesmo sem saber ler. As onomatopéias como “ploft” e “grrr”, também são importantes para facilitar a compreensão de diversas situações e emoções. O mesmo vale para os balões só de olhar é possível saber se um personagem está pensando, gritando ou conversando; este recurso foi utilizado na turma de 3 anos do CEMEI Carmem Montes Paixão no ano de 2007 com a professora Silvana para trabalhar as expressões no projeto de identidade.

O projeto foi iniciado com a professora mostrando diferentes expressões dos personagens da turma da Mônica como: alegria, medo, espanto e raiva; logo em seguida a professora pediu que cada um tentasse demonstrar as mesmas expressões dos personagens. Os alunos foram fotografados, e as fotos coladas no mural da sala de aula; para que pudessem observar e reconhecer cada colega da turma e também as diferentes

expressões. As crianças acharam tudo muito divertido; as fotos foram mantidas por três semanas. O projeto foi iniciado na rodinha de conversa.

4.5- A literatura e os estágios psicológicos da criança

Não há como falar em estágios psicológicos da criança; sem falar do pesquisador, psicólogo e biólogo suíço Jean Piaget.

Existem várias teorias do desenvolvimento humano em psicologia. Mas Jean Piaget se destaca pela sua produção contínua de pesquisas, pelo rigor científico de sua produção teórica e pelas implicações práticas de sua teoria principalmente no campo da educação. A teoria deste cientista é a referência, para compreendermos o desenvolvimento humano e, principalmente para nos esclarecer que a criança não é um adulto em miniatura; ao contrário, apresenta características próprias da sua idade. Compreender isso é compreender a importância do estudo do desenvolvimento humano. Estudos e pesquisas de Piaget demonstraram que existem formas de perceber, compreender e se comportar diante do mundo, próprias de cada faixa etária, isto é, existe uma assimilação progressiva do meio ambiente, que implica uma acomodação das estruturas mentais a este novo dado do mundo exterior.

Todos os aspectos levantados pelo estudo do desenvolvimento humano tem importância para a educação. Planejar o que e como ensinar implica saber quem é o educando. Por exemplo, a linguagem e os recursos que usamos com uma criança de 3 anos não são os mesmos que usamos com jovem de 13 anos.

4.5.1 A literatura aliada aos estágios psicológicos.

Segundo Piaget, cada período é caracterizado por aquilo que de melhor o indivíduo consegue fazer nessas faixas etárias. Todos os indivíduos passam por todas essas fases ou períodos, nessa seqüência, porém o início e o término de cada uma delas dependem das características biológicas do indivíduo e de fatores educacionais, sociais. Portanto, a divisão nessa faixa etária e o interesse pela literatura são uma referência e não uma norma rígida.

4.5.2 O pré-leitor e o período sensório motor

É a chamada fase da “invenção da mão”, pois seu impulso básico é pegar em tudo que se acha ao seu alcance. Para estimular tal impulso natural; as gravuras de animais, ou objetos familiares à criança, devem ser incluídos entre os seus brinquedos (bichos de pelúcia ou qualquer material macio e fofo; chocalhos musicais, etc...). Tais gravuras desenhos ou ilustrações podem ser folhas soltas ou em álbuns, feitos de material resistentes e agradável ao tato (pano, plásticos, papel grosso...)

A criança nesta idade ainda não se prende à história, que deve ser composta de frases soltas, com vocabulário simples e assuntos presentes na realidade da criança, de preferência improvisadas. O que prenderá a atenção da criança é o movimento, o tom de voz, o colorido.

Neste período, a criança conquista, através da percepção e dos movimentos, todo o universo que o cerca; o crescimento intelectual é evidente nas ações motoras e sensoriais das crianças. O importante, nesta fase, é essencialmente a atuação do adulto, manipulando e nomeando os brinquedos ou desenhos; inventando situações bem simples que os relacionem afetivamente com a criança, etc...É nesta fase que o mundo natural e o mundo cultural (o da linguagem nomeadora) começam a se relacionar na percepção que a criança começa a ter do espaço global em que vive. É também o momento em que a criança inicia a conquista da própria linguagem e passa a nomear as realidades à sua volta.

4.5.3 Segunda infância ou período pré-operatório

Em casa ou no “jardim” (ou pré-zinho), a presença do adulto é fundamental, quanto à sua orientação para a brincadeira com o **LIVRO**. Aprofunda-se descoberta a do mundo concreto e do mundo da linguagem, através das atividades lúdicas. Como decorrência do aparecimento da linguagem, o desenvolvimento do pensamento se acelera.

Tudo o que acontece ao redor da criança é, para ela, muito importante e significativo. Os livros adequados a essa fase devem propor vivências radicadas no cotidiano familiar da criança e apresentar determinadas características estilísticas.

- Predomínio absoluto da imagem (gravuras, ilustrações, desenhos, etc...) sem texto escrito ou com textos brevíssimos, que podem ser lidos ou dramatizados pelo adulto, a fim de que a criança comece a perceber a inter-relação existente entre o mundo real que a cerca e o mundo da palavra que nomeia esse real. É a nomeação das coisas que leva a criança a um convívio inteligente, afetivo e profundo com a realidade circundante. Histórias ainda curtas e rápidas, com poucos detalhes e poucos personagens são indicadas para esta idade. A criança vive a história como se fosse real.
- As imagens devem sugerir uma situação (um acontecimento, um fato, etc...) que seja significativo para a criança ou que seja de alguma forma atraente.
- Desenhos ou pinturas, coloridas ou em preto e branco, em traços ou linhas nítidas ou em massas de cor que sejam simples e de fácil comunicação visual.

As histórias vão sendo aos poucos mais elaboradas, com maior riqueza de vocabulário, porém, ainda simples e fáceis de serem compreendidas. A criança nesta fase assusta-se com facilidade por ainda não separar completamente a realidade da fantasia e por estar experimentando a “fase do medo”, o que é natural. Por isso, é importante tomar cuidado com o tom de voz, personagens malvados, etc..

4.6 A linguagem e a lingüística

A aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos elementos importantes para as crianças ampliarem suas possibilidades de inserção e de participação nas diversas práticas sociais.

O trabalho com a linguagem se constitui um dos eixos básicos na educação infantil, dada sua importância para a formação do sujeito, para interação com outras pessoas, na orientação das ações das crianças, na construção de muitos conhecimentos e ao desenvolvimento do pensamento.

Aprender uma língua não é somente aprender palavras, mas também os seus significados culturais, e, com eles, os modos pelos quais as pessoas do seu meio sociocultural entendem, interpretam e representam a realidade. (RECNEI, 1998, v.3, p.119)

É através da linguagem, que a criança se comunica e se insere no meio social, podendo assim expressar seus sentimentos e manifestar seus desejos. O trabalho com a linguagem é fundamental na educação infantil porque é através dele que as crianças

amadurecem seus pensamentos. Neste trabalho vão sendo ampliadas as capacidades de comunicação e expressão e conseqüentemente a inserção no mundo letrado.

O diálogo é na sua essência sociocontrucionista, e está marcado por elementos culturais, raciais e institucionais; é a linguagem que constitui o diálogo e é o principal veículo de comunicação entre os seres humanos. Juntos, linguagem e diálogo formam a construção do homem, já que nenhum ser se constrói sozinho e isoladamente.

A linguagem e o pensamento humano tem origem social. A cultura faz parte do desenvolvimento; quando o homem constitui, atua e transforma sobre a natureza com sua atividade e seus instrumentos para modificar essa cultura. O indivíduo é constituído ao longo a partir da sua intervenção no meio (sua atividade instrumental) e da relação com outros homens; que é feita principalmente através da linguagem e conseqüentemente através do diálogo.

O homem constrói sua existência a partir de uma ação sobre a realidade, que tem, por objetivo, satisfazer suas necessidades. Mas essa ação e essas necessidades têm uma característica fundamental; são sociais e produzidas historicamente em sociedade. As necessidades básicas do homem não são apenas biológicas; elas ao surgirem, são imediatamente socializadas, e a partir disso o homem necessita imediatamente do seu principal veículo de comunicação: a linguagem

Nas palavras da psicolinguista Emilia Ferreiro,

A leitura é um momento mágico, pois o interpretante informa à criança, ao efetuar essa aparentemente banal, que chamamos de “um ato de leitura”, que essas marcas tem poderes especiais; basta olhá-las para produzir linguagem”.1999 p. 175

A linguagem oral está presente no cotidiano e na prática das instituições de educação infantil à medida que todos que dela participam: crianças e adultos, falam, se comunicam entre si, expressando sentimentos e idéias. Sendo a linguagem, o principal veículo de comunicação na educação infantil, ela precisa estar presente cotidianamente na vida da criança. A maneira como as diversas instituições vão trabalhar essa linguagem é própria de cada uma, e a maioria tem maneiras diferentes de ensinar, de acordo com seus critérios, culturas e valores.

Algumas instituições consideram a linguagem como um processo natural e biológico e por isso mesmo as atividades direcionadas ao ensino da linguagem são planejadas, de modo que venha facilitar essa aprendizagem.

Em outras instituições acredita-se que a linguagem se desenvolve de acordo com a intervenção do adulto, a aprendizagem é realizada através de listas de palavras, esse processo é cumulativo e a complexidade cresce gradativamente. Neste processo, o silêncio e a homogeneidade imperam. Eliminam a farta movimentação de gestos e as falas simultâneas, tão comuns no processo de desenvolvimento e comunicação das crianças. Nessa perspectiva a linguagem é considerada apenas como um conjunto de palavras para nomeação de objetos, pessoas e ações.

Um hábito muito comum nas instituições ao trabalhar a linguagem é a realização da roda, onde as crianças falam do seu cotidiano e expressam seus desejos somente quando são perguntadas, e as respostas tem que ser emitidas em coro. Esse hábito só é válido quando a criança pode se expressar livremente, e não ser chamada só nos momentos em que o adulto quer lhe ouvir. Quando a prática da roda é realizada dessa maneira, a linguagem deixa de ser centralizada no adulto e passa a ser direcionada à criança e ao seu universo.

O professor de Educação Infantil pode utilizar a roda para ouvir as histórias das crianças e também para contar histórias da literatura infantil. Quando é permitido à criança participar nessas situações, ela desenvolve a maneira de se expressar, de participar e de ouvir o colega. Cada criança tem seu ritmo próprio e a conquista de suas capacidades lingüísticas se dá em tempo diferenciado, e o falar corretamente e a capacidade de produzir frases depende da participação contínua em atos de linguagem. Como demonstra a pesquisa feita com a professora Juliana na turma 2 “A” de 02 anos de idade no CEMEI Carmem Montes Paixão.

As histórias são contadas todos os dias e nem sempre fazem parte do planejamento, são contadas apenas para diversão e lazer. Em alguns momentos durante a contação de histórias as crianças interrompem com assuntos que não tem muito a ver com a história; a professora responde e tenta chamar novamente a atenção para a literatura, em outros momentos ela aproveita as intervenções e viaja na imaginação deles.

A professora não costuma abrir espaços para que os alunos produzam suas próprias histórias a partir do que foi lido, e acredita que por se tratar de crianças de 2 anos de idade, mesmo quando são estimulados muitos não conseguem, tendo em vista que é o primeiro ano que estão tendo contato com a escola.

Na turma de 2 anos A, as professoras costumam utilizar outros recursos e mecanismos para estimular a contação de histórias como fantoches, máscaras e dramatização, e o tipo de história que mais atrai as crianças desta turma são os contos de fada.

Na turma de 3 anos B, que atende a faixa etária de 3 anos; as histórias são contadas todos os dias e geralmente duas vezes ao dia, onde qualquer gravura ou livro costuma virar uma história. Por se tratar de uma turma onde a literatura é bastante utilizada, ora fazem parte do planejamento, ora são contadas para diversão e lazer.

As professoras sempre permitem as intervenções, ouvindo seus comentários, reforçando e fazendo perguntas. Os espaços são sempre abertos para que os alunos produzam suas próprias histórias a partir do que foi lido e na maioria das vezes a professora pede que eles recontem as histórias; as crianças são estimuladas o tempo todo, elas produzem histórias quando brincam ou quando encontram um livro, e alguns se organizam em grupos para que um amigo conte a história.

As professoras já fizeram várias tentativas de contar histórias sem os livros, mas o maior interesse é de fato pelos livros e suas ilustrações e o tipo de história que mais agrada a esta turma tanto quanto as outras são os contos de fadas.

Para que a ampliação da capacidade de comunicação oral se desenvolva, é fundamental a participação da criança, tanto nas conversas do cotidiano, quanto a participação e o contato na linguagem escrita, permitir que as crianças participem da linguagem escrita, é facilitar a sua intervenção no mundo letrado.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho, podemos perceber que todos nós temos uma história; e que a história de nossas vidas, daria um livro ou um escrito, todo nós estamos envolvidos no mundo das histórias desde o ventre materno. Aprendemos que ouvir e contar história é significativo; deve fazer parte da nossa cultura, e existe profissionais de educação engajados nessa luta para que isso não desapareça.

Podemos observar também, que a vida oferece milhares de opções e oportunidades de lazer para as crianças, e que algumas vezes afastam-nas do mundo da leitura e da imaginação, e alguns pais não se dão conta desse afastamento.

Com a aprendizagem escolar, a exigência de especialização e a disputa no mercado de trabalho, pais com poder aquisitivo melhor, se preocupam com a formação dos filhos e a melhoria da qualidade de suas vidas, não sobrando muito tempo para desfrutar momentos prazerosos com os mesmos, e para mantê-los ocupados investem em outros meios de diversão. Quando a criança, deixa de fazer parte da vida social do adulto, ela conseqüentemente deixa de ouvir as histórias e experiências que o adulto pode lhe passar; e não ouvir histórias implica em não saber futuramente contar histórias.

CONCLUSÃO

Através do trabalho sobre literatura infantil na creche; formando alunos leitores/escritores, foi possível descobrir a origem da literatura infantil, sua trajetória, seu encanto, seus autores. Esse trabalho proporcionou descobertas como um pouco da história do maior autor de literatura infantil brasileira, e as pessoas que até hoje se propõem escrever e contar histórias para crianças.

No trabalho sobre literatura infantil, foi possível descobrir que as crianças gostam de ouvir as histórias ainda no berço e enquanto usam fraldas, porque através dessas histórias o bebê aprende a linguagem de maneira mais rápida, tendo o adulto ou a pessoa que lhe conta a história como modelo; e que também são capazes de produzir suas próprias histórias bastando lhes oferecer o material escrito enriquecido com gravuras e ilustrações coloridas.

O trabalho também foi importante no momento em que, podemos descobrir que existe uma literatura adequada a cada faixa etária e que o interesse pela literatura está associado ao nível de desenvolvimento psicológico da criança. Que mais do que tentar apenas despertar o interesse da criança pela literatura, os adultos tem um papel importante no universo dos leitores; como o papel desenvolvido pelo contador de histórias.

Toda criança necessita de um contador de histórias, seja em casa, na escola, no teatro ou nas tendas, Esse adulto pode despertar não só o interesse pela literatura, mas também estimular as crianças a aprenderem a ouvir e contar histórias e acima de tudo aprenderem a interpretar e produzir. Quando esse trabalho é enfatizado na infância, a criança consegue mais tarde interpretar e produzir outros tipos de literatura, facilitando a vida na escola, no trabalho e na vida.

A Literatura infantil influi em todos os aspectos da formação do ser humano, não só na educação, mas também nas áreas vitais como inteligência e afetividade; através da literatura pode-se promover na criança até mesmo mudanças de comportamento, de hábitos e atitudes.

O incentivo à literatura pode partir de casa, esse papel pode ser desenvolvido por pais, irmãos mais velhos e avós. Deixar os pequenos manusearem livros, jornais e revistas é um bom começo, permitir que eles peguem, cheirem, procure ilustrações mais

engraçadas, volte ao pedaço da história mais interessante, peça para reler a história que mais o agradou, e principalmente, que tenha esse contato efetivo com os livros. Tudo isso é a melhor maneira de despertar crianças leitoras.

O trabalho também demonstrou, que a criança que chega na escola, e esse hábito ainda não foi despertado no aluno, não é um fim, é apenas o início de uma experiência para o professor, e que ele pode iniciar esse processo de formação do leitor, com compreensão, dedicação, criatividade e acima de tudo, com respeito pelo aluno e pelo seu universo, onde não lhe foi proporcionado caminhos para o maravilhoso mundo das palavras escritas.

Através desse trabalho também foi possível descobrir, quantas atividades podem ser desenvolvidas através da literatura, e quantas maneiras diferentes pode se trabalhar a literatura infantil. Cabe ao professor, pais, e contadores de histórias de um modo geral, trabalhar as diversas maneiras de atrair as crianças para o mundo da literatura, seja no conto de fadas, na ficção científica, nas histórias de terror, nas *Tendas Que Contam Histórias* ou na história de Branca de Neve passada em Quixeramobim.

BIBLIOGRAFIA

- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTAD, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia.** 13 ed.. São Paulo: Saraiva, 1999
- BLOOM, Harold. **Como e por que ler.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001
- BRASIL, MEC Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, Brasília, 1998. v.3: Conhecimento do Mundo. P.119
- CAGLIARI, Luiz Carlos. A leitura In: _____ **Alfabetização e lingüística.** 10 ed. São Paulo: Scipione, 2001
- CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre.** Rio de Janeiro: Nórdica, 1996
- CHARTIER, Anne-Marie; CLESSE, Christiane; HERBRARD, Jean . Dos livros e os jornais. In: _____ **Ler e escrever: entrando no mundo da escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996
- COELHO, Nelly Novaes. A literatura infantil! Abertura para a formação de uma nova mentalidade. In: _____ **Literatura Infantil: teoria-análise-didática.** São Paulo: Moderna, 2000
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática.** 18 ed. São Paulo: Ática, 1999
- FAIRCLOUGH, Norman: **Discurso e mudança social.** Brasília: UNB, 2001
- FERREIRO Emilia; TEBEROSKY, Ana: **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999
- FERREIRO, Emilia; PALACIO, Margarita Gomes: **Os processos de leitura e escrita: Novas perspectivas.** 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 1990
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** 49 ed. São Paulo: Cortez, 2008
- KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel (orgs.) **Infância e produção cultural.** 5 ed. São Paulo: Papyrus, 2006
- LAJOLO, Mariza; ZILBERMAN, Regina: **Literatura Infantil Brasileira: Histórias e histórias.** 4 ed. São Paulo: Ática, 1991

LESSA, Giane: **Lá na América Latina:** Uma reflexão sobre as identidades culturais na sala de espanhol L.E. Tese de mestrado, UFRJ

PEDRAL, Sibelle. O Coração dos baixinhos é dela. **Claudia**, São Paulo, ano 39, n. 05, p.29-31, maio 2000

ROSSETI, Maria Clotilde *et al.* **Os fazeres na educação infantil.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005

SOUZA, Regina Célia; BORGES, Maria Fernanda S. Tognozzi (orgs.) **A práxis na formação de educadores infantis.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2005

ANEXOS

AUTORIZAÇÃO

Eu Cândida Maria Fontes Gonçalves, Gestora do CEMEI CARMEM MONTES PÁIXÃO do Município de Mesquita, autorizo a aluna do Curso de Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Glaucia Machado de Aguiar Paço utilizar o nome da Instituição, como título do seu trabalho de conclusão de curso.

Cândida Maria Fontes Gonçalves

Gestora do CEMEI
Carmem Montes Paixão
Município de Mesquita

From: profcarla2@hotmail.com
To: glaucia-machado@hotmail.com
Subject: FW: Tendas
Date: Fri, 5 Dec 2008 16:47:45 +0000

Olá Gláucia,
Boa tarde!

Eu sou Carla Ribeiro e faço parte da coordenação das "Tendas Que Contam Histórias: A Pedagogia do Encantamento em Mesquita" e a Cristina me pediu que respondesse algumas perguntas para o seu trabalho de pós e outros materiais sobre o tema.

Em anexo, mando uma sinopse do projeto e vc pode tê-lo na íntegra no site do PNLL no eixo de fomento à leitura.

Quaisquer outras questões, sinta-se a vontade para mandá-las para mim ou para Andréa Dutra, outra coordenadora.

O Setor gostaria imensamente que vc pudesse enviar o seu trabalho de pesquisa a fim de sabermos se nossa contribuição foi válida.

Bom trabalho,
Carla

1) Quem foi o idealizador das Tendas Que contam Histórias?

Sabemos que contar histórias dentro de uma tenda não é novidade, porém o verbete novo sinaliza para questão de pouco difundido ou usual. No município de Mesquita esta prática era uma ação da Sala de Leitura da Escola Municipal Governador Roberto Silveira no ano de 2005: contação de histórias dentro de uma tenda. A Secretaria Municipal de Educação, através da Secretária Professora Maria Fátima Souza, apostou na idéia e transformou a idéia em um projeto de incentivo à leitura com a questão da itinerância, ou seja a Pedagogia do Encantamento passaria em todas as Unidades Escolares da rede. Uma tenda temática, ornamentada de acordo com a mesma, servindo de suporte pedagógico para os professores e alunos, pois a tenda tem o caráter de transportar o aluno para um ambiente diferenciado onde a interação e ludicidade estão presente na arte de contar histórias. Portanto, o projeto das Tendas Que Contam Histórias tornou-se mais uma ferramenta de incentivo à leitura da Rede.

2) Quantas Tendas existem no município e qual a frequência que circulam nas escolas?

Temos 3 Tendas: da Ed. Infantil, do Ens. Fundamental (1ª etapa à 4ª série) e da EJA. A frequência depende da itinerância. Cada tema construído circula por todas as escolas segundo sua etapa/modalidade, atendendo a todas as turmas. Quando esta itinerância termina, é pensada, discutida e contruída uma nova temática que seja dialógica com o planejamento da Rede. Sendo assim, cada escola pode receber a visita das Tendas de 2 a 3 vezes ao ano.

3) Critérios para avaliação para escolha dos contadores.

Os candidatos para trabalhar no projeto passam por uma entrevista preliminar com o Setor de Incentivo à Leitura e/ou com outros profissionais do Setor pedagógico da SEMED; respondem a um roteiro com perguntas concernentes a temas associados ao trabalho com a leitura e, os que passam por esta fase, são chamados para um período de experiência nas Tendas.

Qual a faixa etária da sua turma?

2 anos

Com que frequência você conta histórias para sua turma?

3 vezes por semana

As histórias sempre fazem parte do planejamento, ou são contadas para diversão nos momentos de lazer?

Fazem parte do planejamento

Você permite as intervenções das crianças durante as contações de histórias? De que maneira você utiliza e administra essas intervenções?

Depende, pois às vezes eles interrompem com um assunto que não tem haver com a história.

Você costuma abrir espaços para que elas produzam suas próprias histórias a partir do que foi lido? Sim - mas nem todos conseguem.

Em algum momento eles contam histórias sem sua intervenção, de maneira livre, ou só quando são estimulados?

Só quando são estimulados tendo em vista que é o 1º ano que estão tendo contato com a escola.

Você utiliza algum outro recurso ou mecanismo para estimular a contação de histórias, ou somente os livros?

Sanfoches, máscaras e dramatização

Que tipo de histórias você observa um maior interesse dos alunos; tipo fábulas, contos de fada, aventuras?

Contos de fada.

Qual a faixa etária da sua turma?

2 anos

Com que frequência você conta histórias para sua turma?

Todos os dias.

As histórias sempre fazem parte do planejamento; ou são contadas para diversão nos momentos de lazer?

às vezes estão de acordo, mas na maioria das vezes não.

Você permite as intervenções das crianças durante as contações de histórias? De que maneira você utiliza e administra essas intervenções?

Sim, ouvindo e continuando a história.

Você costuma abrir espaços para que elas produzam suas próprias histórias a partir do que foi lido?

Não

Em algum momento eles contam histórias sem sua intervenção, de maneira livre, ou só quando são estimulados?

Só quando são estimulados.

Você utiliza algum outro recurso ou mecanismo para estimular a contação de histórias, ou somente os livros?

Livros, fantoches e figuras.

Que tipo de histórias você observa um maior interesse dos alunos; tipo fábulas, contos de fada, aventuras?

Fábulas.

Sílvia

Qual a faixa etária da sua turma?

3 anos e meio \pm

Com que frequência você conta histórias para sua turma?

todos os dias e às vezes duas vezes ao dia,
qualquer livro ou gravura pode virar uma história.
As histórias sempre fazem parte do planejamento; ou são contadas para diversão nos momentos de lazer?

Para os dois tópicos acima.

Você permite as intervenções das crianças durante as contações de histórias? De que maneira você utiliza e administra essas intervenções?

Sim, ouvindo seus comentários e reforçando
fazendo perguntas...

Você costuma abrir espaços para que elas produzam suas próprias histórias a partir do que foi lido?

Sim, em alguns momentos eles recontam.

Em algum momento eles contam histórias sem sua intervenção, de maneira livre, ou só quando são estimulados?

Quando brincam e quando encontram
um livro qualquer.

Você utiliza algum outro recurso ou mecanismo para estimular a contação de histórias, ou somente os livros?

Contamos sem livros mas o interesse
maior deles é pelo livro e suas ilustrações.

Que tipo de histórias você observa um maior interesse dos alunos; tipo fábulas, contos de fada, aventuras?

Contos de fada.



Mesquita, 30 de janeiro de 2009.

Ofício 048/2009

Da: SEMED

Para: Diretores, Coordenadores Pedagógicos, Orientadores Educacionais, Auxiliares de Creche, Professores e Supervisores Educacionais;

ALGUMAS IDÉIAS PARA ORIENTAR O PLANEJAMENTO EM 2009

Neste início do ano letivo de 2009, a exemplo do que fizemos em 2008, vimos nos dirigir diretamente a vocês, profissionais da educação da Rede Municipal de Educação de Mesquita, para apresentar algumas orientações para este momento de planejamento.

No ano passado, propusemos um desafio em forma de pergunta para estar presente em todas as pautas de reuniões de planejamento das escolas: **“como podemos propiciar aos nossos alunos, em nossas atividades cotidianas na escola, mais e melhores situações de aprendizagem que permitam ampliar as suas possibilidades como leitores e escritores?”**

Sem desconsiderar essa orientação, acrescentamos alguns outros aspectos que também integram o complexo conceito de “qualidade de ensino” de que muito falamos e ouvimos falar. Essa é uma idéia bastante presente nos espaços em que se discute a educação pública, principalmente. Seja nas nossas rodas de conversa, nos grandes debates que acontecem na mídia ou nos ambientes acadêmicos, fala-se muito da “falta de qualidade” do ensino oferecido nas Redes Públicas Municipais e Estaduais de todo o país. Periodicamente, acompanhamos a divulgação do nosso desempenho em avaliações nacionais e internacionais ou tecemos comentários nas escolas acerca da situação de aprendizagem dos nossos alunos. Temos acesso a dados e também observamos que as crianças e jovens que estudam em nossas escolas não têm se saído tão bem na escola quanto desejaríamos. Quais são os problemas que levam a essa situação? Ela é de fato real? Podemos concordar com essas análises e generalizar essa idéia de que é baixa a qualidade de ensino em nossas Redes Públicas? E aqui em Mesquita, como estamos? O que seria uma escola de qualidade para nós? Nossa população tem acesso à escola? E permanece nela depois que chega? Quantos anos leva o nosso aluno para concluir o Ensino Fundamental?

Para nós, equipe da SEMED, a idéia de qualidade está relacionada ao direito cidadão de toda criança, jovem e adulto irem à escola, nela permanecerem durante o tempo obrigatório, previsto pela lei, mas não só e principalmente, durante o tempo que desejarem e se fizer necessário para que realizem plenamente suas aprendizagens e desenvolvam todo o seu potencial cognitivo, social, político e afetivo tanto individual quanto coletivamente.

Pois bem, é nesse sentido que gostaríamos de convidar todos os educadores de Mesquita a refletirem e elaborarem seus planejamentos, sejam eles para um dia, semana, mês, bimestre ou para todo o ano. Que os planejamentos sejam de fato dialógicos, como o pensamento de Paulo Freire nos provoca pensar. Que eles possam mobilizar crianças e jovens, homens e mulheres, sejam eles educandos ou educadores a perceberem criticamente as “situações-limites” que encontram em sua vida pessoal e social e que entendendo-as na sua profundidade, queiram agir, desafiados a resolverem da melhor maneira possível, num clima de esperança e de confiança, esses problemas da sociedade em que vivemos. Na nossa compreensão, uma dessas “situações-limites” em que estão parte de nossos cidadãos de Mesquita é a dificuldade de desenvolverem plenamente seu potencial e obterem, de preferência, no tempo esperado, ou seja, sem retenção, a conclusão do Ensino Fundamental, com sucesso. Será esse um sonho impossível? Pensamos que não. Concordamos com



ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PREFEITURA MUNICIPAL DE MESQUITA
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO



o que disse e fez Paulo Freire, expresso nas palavras de Leonardo Boff retiradas do prefácio do livro *Pedagogia da Esperança* (Freire, 1992, p.8) :

Paulo Freire mostra a história e a existência humana como feixe de possibilidades e virtualidades que podem, pela prática histórica, ser levada à concretização. Daqui nasce a esperança histórica, aquilo que ele chama de " inédito-viável", vale dizer, aquilo que ainda não foi ensaiado e é inédito mas que pode, pela ação articulada dos sujeitos históricos, vir a ser ridente realidade. "

Dessa forma, convidamos todos os educadores da Rede Municipal de Educação de Mesquita a continuarem participando conosco da "prática educativa de opção progressista" que vimos buscando realizar neste município nos últimos quatro anos.

Pensem, então, e incluamos em nossos planejamentos, temas, assuntos, questões que desenvolvidos cotidianamente em atividades pedagógicas possam contribuir para que nossas crianças, jovens e adultos queiram permanecer na escola, motivados pelo desejo de aprender e realizar plenamente seu potencial cognitivo, social, político e afetivo, contribuindo para sua participação como sujeitos históricos na transformação da realidade social a partir da superação das "situações-límites" que enfrentam dia-a-dia. Além disso, que a execução do que agora planejamos possa, na mesma intensidade, mobilizar também a nós que somos educadores, comprometendo-nos ainda mais com a busca da qualidade de ensino nos termos em que apresentamos.

A cada ano, mais passos são dados em nossa Rede nessa direção. Observamos nas escolas a satisfação de muitos alunos, professores e demais profissionais com os resultados obtidos no trabalho. Precisamos dar continuidade a esse projeto e mais, precisamos aprofundá-lo, incluindo **todos os alunos e educadores** nesse movimento, que é de compromisso e alegria pela realização do que pretendemos.

Sejam bem vindos, então, a mais um ano de trabalho!

*Para uma vez ...
Marcelo Pereira
Marcos Maurício Pinto Loureiro
Equipe técnico-pedagógica da SEMED/Mesquita pag 124*

Referência bibliográfica:

FREIRE, Paulo *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.